



Eleições Municipais 2024

Neste pleito, 16 prefeitos de capitais ganharam mais quatro anos de mandato. Nas outras nove principais cidades do país, a vitória ficou, na maioria delas, com candidatos apoiados pelo atual prefeito ou pelo governador do estado

A força das máquinas administrativas

» VINICIUS DORIA

Dos mais de cinco mil municípios brasileiros, em apenas 51 — incluindo 15 capitais — os eleitores tiveram de voltar às urnas, ontem, para definir a pleito para prefeito. Assim que as urnas foram fechadas, os resultados confirmaram o que o primeiro turno já havia sinalizado: o peso das máquinas municipais foram determinantes.

Nas capitais, 10 prefeitos ganharam mais quatro anos de mandato, em 6 de outubro, enquanto quatro não chegaram sequer ao segundo turno. Ontem, foi a vez das 15 capitais que adiaram a decisão. Em seis, a taxa de sucesso dos atuais incumbentes que tentavam permanecer no cargo até 2028 foi de 100%. Todos se reelegeram. Nas outras nove capitais, a vitória ficou, na maioria delas, com candidatos apoiados pelo atual prefeito ou pelo governador do estado.

O peso das máquinas (municipais e estaduais) foi determinante. Além dos reeleitos, seis candidatos venceram a disputa com apoio político — do atual prefeito ou do governador, sinalizando a opção do eleitorado pelo continuísmo administrativo.

Esta foi a eleição do Centrão, em que as forças de centro e de direita prevaleceram com folga sobre os candidatos do chamado campo progressista, a esquerda tradicional. A vitória mais robusta foi em São Paulo — principal colégio eleitoral do país, com 9,3 milhões de eleitores —, com a reeleição de Ricardo Nunes (MDB), com quase 60% dos votos válidos, contra 40% do candidato do PSol, deputado federal Guilherme Boulos, que tinha o presidente Luiz Inácio Lula da

Silva como principal cabo eleitoral.

Ao contrário de Boulos, que praticamente não teve oportunidade de desfilhar com o presidente Lula pela cidade, Nunes contou com o apoio ostensivo do governador do estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

O MDB também bateu a esquerda em Porto Alegre. Prefeito que administrou a capital gaúcha nas enchentes históricas de abril, Sebastião Melo obteve 61% dos votos contra a petista Maria do Rosário.

O PL, por sua vez, derrotou a esquerda em Aracaju e Cuiabá, perdeu para o PT em Fortaleza, e para candidatos de centro-direita em Belém, Curitiba, Goiânia e Palmas. Mas, ao contrário do que esperava a cúpula do PL de Bolsonaro, o partido ficou bem longe da meta de eleger 1,5 mil prefeitos em todo o país. No primeiro turno, foram pouco mais de 500. Ontem, nas capitais, apenas Emília Corrêa (Aracaju) e Abílio Brunini (Cuiabá) tiveram êxito.

Os principais partidos do Centrão — PSD, União, MDB, PP, Republicanos e Podemos — fizeram 12 prefeituras: São Paulo, Belo Horizonte, Manaus, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, Belém, Natal, Palmas, Porto Velho, João Pessoa e Campo Grande. Integrantes da base parlamentar do governo Lula — apesar de abrigarem, também, alas ligadas à oposição bolsonarista —, essas agremiações saem fortalecidas da disputa municipal, o que deve provocar reflexos na correlação de forças no Congresso e nas articulações para as eleições presidenciais de 2026.

Para o PT, os resultados quase confirmaram as piores expectativas. A legenda, que não havia emplacado ninguém nas capitais

Vitórias por partidos

PSD — CINCO CAPITAIS

- » São Luís
Eduardo Braide — reeleito em 1º turno (70,12% dos votos)
- » Belo Horizonte
Fuad Noman — eleito no 2º turno (53,74%)
- » Curitiba
Eduardo Pimentel — eleito no 2º turno (57,38%)
- » Rio de Janeiro
Eduardo Paes — reeleito no 1º turno (60,47%)
- » Florianópolis
Topázio Neto — reeleito no 1º turno (58,49%)

MDB — CINCO CAPITAIS

- » Macapá
Dr. Furlan — reeleito no 1º turno (85,08%)
- » Belém
Igor Normando — eleito no 2º turno (56,36%)
- » São Paulo
Ricardo Nunes — reeleito no 2º turno (59,41%)
- » Boa Vista
Arthur Henrique — reeleito no 1º turno (75,18%)
- » Porto Alegre
Sebastião Melo — reeleito no 2º turno (61,40%)

UNIÃO BRASIL — QUATRO CAPITAIS

- » Salvador
Bruno Reis — reeleito no 1º turno (78,67%)
- » Goiânia
Sandro Mabel — eleito no 2º turno (55,54%)
- » Teresina
Silvino Mendes — reeleito no 1º turno (52,19%)

Fernando Frazão/Agência Brasil



- » Natal
Paulinho Freire — eleito no 2º turno (55,34%)

PL — QUATRO CAPITAIS

- » Rio Branco
Tião Bocalom — reeleito no 1º turno (54,82%)
- » Cuiabá
Abílio Brunini — eleito no 2º turno (53,8%)
- » Aracaju
Emília Corrêa — eleita no 2º turno (57,46%)
- » Maceió
João Henrique Caldas (JHC) — reeleito no 1º turno (83,25%)

PP — DUAS CAPITAIS

- » Campo Grande
Adriane Lopes — reeleita no 2º turno (51,45%)
- » João Pessoa
Cícero Lucena — eleito no 2º turno (63,91%)

PODEMOS — DUAS CAPITAIS

- » Porto Velho
Léo Moraes — eleito no 2º turno (56,18%)

- » Palmas
Eduardo Siqueira — eleito no 2º turno (53,03%)

PT — UMA CAPITAL

- » Fortaleza
Evandro Leitão — eleito no 2º turno (50,38%)

AVANTE — UMA CAPITAL

- » Manaus
David Almeida — reeleito no 2º turno (54,6%)

REPUBLICANOS — UMA CAPITAL

- » Vitória
Lorenzo Pazolini — reeleito no 1º turno (56,22%)

PSB — UMA CAPITAL

- » Recife
João Campos — reeleito no 1º turno (78,11%)

em 2020, tinha esperança de uma performance melhor dos quatro candidatos que seguiram na disputa pelas capitais. Só elegeu um, Evandro Leitão, no confronto mais acirrado deste segundo turno. Vitória que contou com o fator polarização, pois, do outro lado, estava o bolsonarista André Fernandes (PL). Mas para a esquerda, em geral, o saldo foi ruim: o campo perdeu os comandos de Belém e Aracaju. GANHOU Fortaleza e manteve Recife, com João Campos, do PSB, reeleito em primeiro turno com uma das maiores votações do país.

Outra tendência que as eleições de ontem confirmaram foi o pouco peso dos dois principais líderes políticos do país, responsáveis pela mais profunda divisão da sociedade na história recente. Nem Lula nem Bolsonaro mostraram força para eleger seus preferidos. Bolsonaristas "raiz" foram derrotados em Goiânia, Belo Horizonte e Curitiba para candidatos ligados às máquinas municipais e estaduais. Lula, por sua vez, chegou a exibir, na véspera da eleição, vídeos em suas redes sociais emprestando apoio a 12 candidatos de esquerda.

A polarização que marcou a política brasileira nos últimos anos só serviu de combustível eleitoral em duas capitais: Fortaleza e Cuiabá.

No maior colégio eleitoral do Nordeste, a disputa por Fortaleza foi dramática, definida nos últimos votos a favor do petista Evandro Leitão contra o bolsonarista André Fernandes.

Assim, o PT retoma, após oito anos, a capital do estado que já é governado pelo partido há quase uma década. É, também, mais uma derrota para o ex-ministro Ciro Gomes que, rompido com o irmão e senador Cid, apoiou o candidato bolsonarista.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Nem Lula, nem Bolsonaro, centro-direita venceu segundo turno

Há muito a se considerar em relação aos resultados do segundo turno das eleições, mas uma coisa é certa: confirmam a tendência apresentada, já no primeiro turno, do predomínio das forças de centro-direita moderadas e conservadoras, tanto em relação ao PT, partido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quanto ao PL, do ex-presidente Jair Bolsonaro, que chegou com muita força ao segundo turno das capitais, mas morreu na beira da praia. Quando confrontaram as forças de centro-direita e moderadas, na maioria dos casos, ambos foram derrotados.

A vitória mais emblemática é a do prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), contra Guilherme Boulos (PSol), com apoio do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), a quem o eleito atribuiu maior importância na sua eleição, e também de Bolsonaro. Pesaram na eleição as máquinas administrativas municipal e estadual e a aliança política ampla, que reuniu 10 partidos e garantiu o apoio da grande maioria dos vereadores paulistanos. Tarcísio vai das eleições municipais como grande vitorioso.

Nunes é um político profissional e pragmático, escolado na poderosa Câmara Municipal da capital paulista, da qual foi vereador de 2013 a 2020, quando se elegeu vice-prefeito de Bruno Covas, o prefeito reeleito e que faleceu logo após a recondução, vítima de um câncer. Ao obter o apoio de Bolsonaro e lhe conceder a indicação do vice — Ricardo Araújo, um coronel ferrabrás da PM paulista —, não esperava enfrentar um adversário de extrema-direita como Pablo Marçal (PR-TB), que conquistou 1,7 milhão de votos no primeiro turno.

O outsider se tornou um player da política paulista, quase foi para o segundo turno, mas também contribuiu para esvaziar a narrativa de Boulos, de que Nunes era um candidato de extrema-direita por causa do apoio de Bolsonaro. No segundo turno, porém, os eleitores de Marçal migraram para Nunes, apesar dos esforços de Boulos para atrair uma fã-tia desse espólio eleitoral. Engajado diretamente na campanha, porém, o governador Tarcísio de Freitas fez um papelão ao atribuir a intenção do PCC em votar em Boulos, durante entrevista, sem

nenhuma comprovação. Isso é crime eleitoral escancarado.

No confronto direto entre o PT e o PL no segundo turno das capitais, a vitória mais importante foi do PT, com Evandro Leitão (PT), de virada, em Fortaleza, o quinto colégio eleitoral em disputa no segundo turno, o que consolida a hegemonia da legenda no Ceará. O PL venceu em Cuiabá, com Abílio Brunini. O PT perdeu a eleição em Natal, para Paulinho Freire (União); e em Porto Alegre, com a reeleição do prefeito Sebastião Melo (MDB). Bolsonaro venceu com Emília Corrêa (PL), que derrotou Luiz Roberto (PDT), outro governista. Bolsonaro foi derrotado em confrontos importantes com candidatos de centro e centro-direita.

A esfinge

Apoiado pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), Fuad Noman (PSD) derrotou Bruno Engler (PL) em Belo Horizonte. Em João Pessoa, Cícero Lucena (PP), candidato de Ciro Nogueira, presidente do PP e ex-ministro da Casa Civil de Bolsonaro, além do

presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), derrotou o ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga (PL), aquele da pandemia, aliado de Bolsonaro.

Em Goiânia, Bolsonaro também foi derrotado por Ronaldo Caiado (União), que pretende disputar a Presidência em 2026, com a eleição de Sandro Mabel (União), contra Fred Rodrigues (PL). O pano de fundo dessa disputa é a liderança da oposição a Lula. Em Belém, o candidato do governador Helder Barbalho e aliado de Lula, Igor Normando (MDB), derrotou o bolsonarista Éder Mauro (PL). Candidato do Podemos, Siqueira Campos também venceu Janad Valcari (PL) em Palmas.

Não há uma relação mecânica entre esses resultados e as eleições de 2026, porque os pleitos municipais têm uma dinâmica própria, que lhes conferem grande especificidade, mas é inevitável que os principais protagonistas da política nacional, a partir de agora, avaliem a real situação de Lula a partir desses resultados eleitorais.

O presidente sai da eleição enfraquecido, mas ainda tem a

caneta cheia de tinta, é um político caledado e pragmático. O governo sempre é a forma mais concentrada de poder. Está longe ainda de ter se tornado um pato manco, quando nada porque o país cresce a 3% ao ano e a inflação está sob controle. Lula sinalizou um reposicionamento importante na sua relação com o PT e a esquerda, ao romper com Nicolás Maduro e voltar a entrada da Venezuela no Brics.

Entretanto, enfrentará muitas dificuldades para transformar a atual coalizão de governo em frente eleitoral. Isso dependerá do desempenho político e administrativo do governo e da atualização programática e tática do PT, que precisa reconhecer a importância eleitoral dos partidos do campo democrático no projeto de reeleição de Lula. Isso passará pelas eleições estaduais e do Senado. Considerando o número de prefeitos, a frente de esquerda formada por Lula no primeiro turno das eleições — PT (252), PSB (312), PDT (151), Rede (4), PCdoB (19), PV (14) e PSol (0) —, com exceção do PSB, também não teve um bom desempenho eleitoral. A centro-esquerda

representada pela federação PSDB (273) e Cidadania (33) definiu.

O PL (517 prefeitos) está isolado pela soberba de Bolsonaro, mas obteve mais de 15 milhões de votos nas eleições municipais. Os grandes protagonistas políticos que emergem das eleições são o PSD (891), MDB (864), PP (752), União Brasil (591), PL (517) e Republicanos (440). Para se manter no jogo, mesmo inelutável, Bolsonaro tenta remover a candidatura de Caiado, que poderia unificar esse campo. Sua tendência é impor um candidato do PL aos aliados, que pode ser o senador Flávio Bolsonaro, seu filho.

A grande esfinge, porém, é Tarcísio de Freitas, que sai fortalecido do pleito pelo fato de ter ganhado a disputa de São Paulo e, com o apoio do PSD, do ex-prefeito paulista Gilberto Kassab, seu chefe da Casa Civil e grande artífice da campanha de Nunes. Os dois partidos elegeram 1.331 prefeitos, o suficiente para dar ancoragem nacional a um candidato paulista, cujo estado tem 34 milhões de eleitores. O PSD foi o segundo partido mais votado, com 14,5 milhões de votos.